

# PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

## O nome é pobreza

• Aduito, Maurícia e Denifer morreram no final de semana passado, num intervalo de 24 horas. Na quinta-feira morreu Francisco. Outras seis pessoas estão internadas em UTIs, com os mesmos sintomas. São vítimas da misteriosa doença que assusta Brasília. Seu nome ainda não foi revelado mas a causa é certa e conhecida: pobreza. Variável constante na vida delas, a falta de saneamento.

Denifer morava no Paranoá, os outros três em São Sebastião, cidades pobres da periferia. A uni-los, um detalhe: consumiam água de cisterna, que quase sempre tem por vizinha uma fossa de esgoto. A proximidade física leva à contaminação do lençol freático. Ratos e insetos vão à fossa e ali deixam vírus e bactérias que alcançam a água da cacimba. Há poucos meses houve um surto de hepatite em São Sebastião. Agora, a Caesb (empresa estatal de água e esgoto) resolveu lacrar as cisternas.

É debruçada sobre o sarilho da sua cisterna que Tania Santana, 24 anos visivelmente bem sofridos, chora a morte do marido Francisco: "Não entendo, não. Ele era sadio, nunca adoecia".

O secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, não adianta os resultados dos exames que estão em curso, mas fala muito em vírus e roedores. E é mesmo muito provável que as mortes estejam sendo causadas pelo hantavírus, originário de fezes e urina de ratos. A transmissão pode se dar pela água, contato físico ou até mesmo pelo ar.

Suspeita-se também da poderosa bactéria causadora da melioitose, que matou três pessoas em 2003 no Ceará. Mas poucas são as ocorrências desta doença no mundo. De HPS, a síndrome descoberta em 1993, causada por hantavírus, já houve 63 casos no Brasil, com 38 óbitos. Quase sempre no interior, sem alarde. (Dados da Secretaria de Saúde de São Paulo).

A falta de saneamento é um problema grave no país mas no Distrito Federal tornou-se dramático, diante da explosão demográfica e da ocupação espacial desordenada. E mesmo criminosa, marcada por grilagens que envolvem até autoridades locais. Uma fotografia aérea que identificasse cisternas e fossas mostraria Brasília cercada por um cinturão perfurado como um queijo suíço. Não dispondo de serviços de água e esgoto, os moradores da periferia se viram. Feita a morada, furam uma cisterna e uma fossa. A água brota fácil do lençol é superficial. Isso aumenta o risco de contaminação, diz Tania Baylão, diretora da Caesb.

A fabricante de bombas Anauger fatura alto por aqui com seu modelo mais simples. Custa menos de R\$ 200 e bombeia a água da cisterna para a caixa d'água. Evitar que a bomba seja roubada é outro drama. A "nauge", como diz o povo, é objeto de estimação. A tampa da cisterna tem que ser lacrada a cadeado. Os ladrões não perdoam, pois comprador não falta.

Há anos os ambientalistas advertem para o risco de contaminação do lençol freático e mesmo de seu esgotamento. Além de cisternas, dezenas de poços artesianos são furados pelos condomínios de classe média que se multiplicaram em anos recentes. Mas nestes, trata-se a água.

Milhares de pessoas continuam chegando todo mês à capital em busca de empregos que já não existem, como na era de ouro da construção civil. O Estado minguou, já não emprega. Buscam também os lotes que o governador Joaquim Roriz distribuiu desde seu primeiro mandato. Mas não como o pão que dá aos pobres. Sem emprego e moradia, vão viver nas "invasões", desprovidas de serviços básicos. A Caesb é uma das melhores empresas de saneamento do país mas não dá conta da demanda, não atende sequer a todos os núcleos habitacionais regulares. E mesmo onde há água da Caesb, os mais pobres preferem a cisterna para não pagar a conta. Era o que fazia dona Deocreigima, mãe de Denifer, estudante de 17 anos que morreu no domingo.

O investimento em saneamento no país parou. Foi irrisório entre 1998 e 2002, R\$ 270 milhões. É despesa, para o FMI. O atual governo promete investir R\$ 4,6 bilhões até o final do ano. Anunciou a liberação de R\$ 2 bilhões, mas Lula tem se irritado com os entraves da burocracia.

Brasília foi planejada para ter 500 mil almas no ano 2000. Hoje o Distrito Federal tem 2,051 milhões de habitantes; 500 mil no Plano Piloto, os demais na periferia. Outro milhão vive no "entorno", em municípios goianos, mineiros e baianos, mas são dependentes da capital. A densidade demográfica é a maior do país, 354,3 habitantes por quilômetro quadrado. O governo federal, hoje e ontem, vive de costas para a capital, que cresce ao Deus-dará.